



Os “nós” da rede

Relatos e casos de sucesso da implementação do Projeto Redes de Territórios Educativos contados por nós



Os “nós” da rede

**Relatos e casos de sucesso da implementação do Projeto
Redes de Territórios Educativos contados por nós**

Rio de Janeiro
Março - 2022

PROGRAMA REDES DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

FICHA TÉCNICA

CIEDS

Diretor-Presidente

Vandré Brilhante

Diretor Executivo

Fábio Muller

Gerente de Engajamento Comunitário

José Claudio Barros

Coordenadora do Projeto

Fernanda Colmenero

Articulação e Assessoria

Suelen Amorim

Analista de Monitoramento

João Victor Gurgel

Assistente Administrativo

Anderson Corrêa

Projeto Gráfico

Anderson Corrêa

Entrevistas

Fernanda Colmenero

Suelen Amorim

Textos

Fernanda Colmenero

Fundação Itaú Social

Superintendente

Angela Cristina Dannemann

Gerente de Fomento

Camila Feldberg

Coordenadora da área de Investimento

na Sociedade Civil

Milena Duarte

Coordenadora do Projeto

Luciana André

“Era uma vez um território
Neste território havia diferentes nós, nós muito especiais
que promoviam muitas coisas boas neste território
Mas cada um com sua própria história e atuando de forma isolada.
Até que um dia, estes nós perceberam
que suas diferentes histórias faziam parte
de uma mesma história
A HISTÓRIA DO TERRITÓRIO.”

José Cláudio Barros

Sumário

A Fundação Itaú Social ·····	7
O CIEDS ·····	8
Apresentação ·····	9
AMFMT: O resgate cultural como elo que uniu duas mulheres ·····	11
Adolescer: Um grupo de mulheres lutando pelo direito de várias outras ·····	14
Turu: Um olhar para o local a partir do total ·····	17
Onde as políticas públicas se encontram... e se entrelaçam! ·····	20

A Fundação Itaú Social

www.fundacaoitausocial.org.br 

O Itaú Social desenvolve, implementa e compartilha tecnologias sociais para contribuir com a melhoria da educação pública brasileira. Sua atuação está pautada no desenvolvimento de projetos sociais, no fomento a organizações da sociedade civil e na realização de pesquisas e avaliações.

Juntamente com uma rede de parceiros, fornecedores e colaboradores, trabalha para que municípios, estados e União se unam para entregar aquilo que é direito de todos: acesso à educação com aprendizagem adequada, sem restrição de tempo, espaço, raça, cor ou gênero.

Por entender que a educação pública demanda uma organização coletiva, o Itaú Social convida todos os interessados para, juntos, criar e fazer prosperar um Polo de Desenvolvimento Educacional, de forma que seja possível formar cidadãos capazes de construir a nação que todos almejam.

A trajetória do Itaú Social começa em 1993, quando o Banco Itaú criou o Programa de Ação Comunitária (posteriormente Programa Itaú Social). Sete anos depois, em 2000, o projeto ganhou maior amplitude com a instituição do Itaú Social, contribuindo para o desafio de garantir os direitos de crianças e adolescentes por meio da educação.



O CIEDS

www.cieds.org.br 

Por meio de parcerias estratégicas com governos, instituições, empresas e sociedade civil, o CIEDS - Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável desenvolve tecnologias sociais que geram mais renda, mais saúde, melhor educação, maior confiança no futuro, e acima de tudo, prosperidade. Cria e articula tecnologias que possibilitam políticas públicas mais efetivas e um investimento social estratégico.

O CIEDS, fundado em 1998, é uma Instituição Social Sem Fins Lucrativos, filantrópica, signatária do Pacto Global da ONU, com status de Consultor Especial do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas – ECOSOC e membro do Grupo Consultivo da Sociedade Civil do Banco Interamericano de Desenvolvimento – ConSOC Brasil do BID. Foi eleito, em 2021, pelo prêmio TOP 500 NGOs, do NGO Advisor, a 2ª ONG mais relevante do Brasil e a 54ª do mundo.

Com foco em gestão de excelência, em 23 anos de história, foram mais de 500 projetos realizados, mais de 3.900 comunidades atendidas, mais de 1.900.000 beneficiários diretos, mais de 12.000 colaboradores e mais de 600 parceiros envolvidos.

CIEDS: Parcerias estratégicas que constroem redes para a prosperidade



Apresentação

O projeto Redes de Territórios Educativos, parceria de sucesso entre Itaú Social e CIEDS que foi implementado em São Luís (MA), Várzea Grande e Cuiabá (MT) no período de 2015 a 2021 fecha seu ciclo de atuação.

As redes locais que inicialmente foram fomentadas pelo projeto, seguem hoje autônomas, vivas, potentes e ativas como um espaço horizontal de fortalecimento das organizações sociais e garantia de direitos de crianças, adolescentes e jovens.



Para celebrar a caminhada feita até aqui, a equipe do projeto realizou uma série de entrevistas a fim de levantar evidências e casos de sucesso que nos demonstrem que as sementes plantadas estão germinando.

Esta publicação traz casos reais de como o projeto Redes de Territórios Educativos conseguiu contribuir com os municípios e organizações com as quais atuou diretamente, considerando quatro pilares de atuação:

Fortalecimento das Organizações Sociais

Um dos principais eixos de atuação do projeto objetiva fortalecer organizações da sociedade civil que atuem diretamente no atendimento de crianças, adolescentes e jovens. Acreditamos que a partir do momento que tem-se organizações fortes, com suas habilidades de gestão, mobilização de recursos e qualidade programática aprimoradas, o reflexo positivo direto será nas crianças atendidas por estas organizações. **Nesta publicação, a organização social AMFMT, lá de Várzea Grande, evidenciará como isso se tornou prática.**

Impacto na Política Pública

Toda ação que se propõe a promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, precisa considerar uma atuação coletiva, onde 1º e 3º setores atuem de forma articulada. Considerando esta como uma das premissas de atuação do projeto, o legado que fica para os territórios são políticas e programas públicos influenciados pelo conhecimento e experiência de diversos setores. Neste caso, considerando os projetos sociais na produção de dados que apoiem a construção de um diagnóstico sobre o território. **O plano de ação Adolescer, lá de Várzea Grande, atuou de forma a apoiar a gestão de conhecimento sobre um público bastante negligenciado, e nesta publicação apresentaremos como isso aconteceu.**

Ação Coletiva e em Rede

Problemas sociais são, essencialmente, complexos. Por isso, exigem que um grupo de atores que acumulem diversos saberes e experiências atuem de forma integrada e articulada para que suas ações possam ser eficazes e promover mudanças significativas na realidade de crianças e adolescentes. **A Rede do Turu se fortalece durante a implementação do Redes de Territórios Educativos, mas não para de crescer. Esta publicação apresenta esta trajetória.**

Ação Direta na Criança

Agir em rede tem como base o impacto positivo que se pretende gerar na vida das crianças e adolescentes de um dado território. Para isso, o foco na garantia de direitos destas crianças precisa sempre ser central e balizar todos as intenções, ações e planejamentos realizados pelos atores sociais engajados nesta causa. **O CMEI Paulo Ronan e a UBS Ilsa Terezinha Picolli promoveram a tão sonhada intersectorialidade por meio de uma parceria com foco na garantia de direitos das crianças de Cuiabá. Este case de sucesso será apresentado aqui.**



■ AMFMT: O resgate cultural como elo que uniu duas mulheres

Carmen é professora de geografia. Celi, professora de história. Os projetos interdisciplinares as uniam desde a década de 1990, sempre com foco no resgate cultural e fortalecimento da memória dos mais antigos. A amizade se fortaleceu com o passar dos anos, assim como cresceu a ambição de levar as tradições do Mato Grosso para um número maior de crianças. Assim nasce a Associação de Manifestações Folclóricas do Mato Grosso, também conhecida como AMFMT.



Em 2015, a AMFMT estava escrevendo projetos para participar de editais e captar recursos para viabilizar oficinas de siriri e cururu. Então, Antonina (prima da Carmen), a chamou para participar de uma reunião. Mesmo sem saber ainda do que se tratava com detalhes, confiou e foi. **Era o 1º Encontro da Rede de Territórios Educativos de Várzea Grande. De lá, nunca mais saíram só.**

“Eu fiquei muito encantada com tudo que aconteceu nas primeiras reuniões. E falei pra Celi que tínhamos que participar porque seria ali que a gente ia aprender a escrever os nossos projetos”

Carmen

A AMFMT nasceu em uma escola municipal com o objetivo de inserir a cultura regional no espaço da escola. O trabalho direto com as crianças acontece em formato de oficinas de dança e música. Carmen e Celi começaram a levar os instrumentos para o espaço da escola, aproximar os mestres populares das crianças e, aos poucos, ir desconstruindo a ideia que se tinha de que o siriri era “coisa de velho”.

Um desafio se impôs: as oficinas, naquele momento, eram oferecidas exclusivamente aos alunos que ali estudavam, não sendo permitida a participação da comunidade de forma mais ampla. Mas Celi e Carmen queriam mais. Assim, a AMFMT nasceu como uma alternativa para disseminar a cultura e aumentar a participação das crianças da comunidade, já que, quando se tornaram uma associação independente, passaram a ser convidadas para levar as oficinas a diversas outras escolas municipais.

“A gente acredita que dentro da escola a criança precisa conhecer sua cultura. A gente quer ensiná-las que o Mato Grosso tem o siriri, tem o cururu...”

Celi Minas



- O Siriri é uma dança folclórica da Região Centro-Oeste do Brasil (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás), e faz parte das festas tradicionais e festejos religiosos. A dança lembra as brincadeiras indígenas, com ritmo e expressão hispano-lusitana. Pode ser comparado com o fandango do litoral brasileiro. A música fala das coisas da vida de forma simples e alegre. Como instrumentos musicais, acompanham a viola de cocho, o cracacha (ganzá) e o mocho ou tamboril. Ela é dançada com vários passos, como o dos homens, colocam os braços nas costas enquanto as mulheres mexem sua saia. Há vários outros movimentos como se eles tivessem brincando.

O fortalecimento da AMFMT de dentro para fora

Celi e Carmen afirmam que não sabiam estruturar e escrever projetos e que foi na rede que aprenderam todo o passo a passo que permitiu aliar o conhecimento acumulado que tinham sobre a cultura local adequando aos formatos de proposta de projetos que evidenciam a importância do que elas faziam.

“Nós respiramos o siriri e a AMFMT todo dia, mas foi a partir da rede que a AMFMT se estabilizou, a partir do conhecimento que foi compartilhado por meio das oficinas, seminários...”

Celi Minas

“A gente sempre escrevia os projetos e nunca conseguia recurso. A gente desconhecia os processos, os certificados, toda a legalização. E foi na Rede de Territórios Educativos de Várzea Grande que a gente entendeu que a gente precisava de muitas coisas para captar recurso.”

Carmen

A AMFMT, de forma sábia e paciente, soube aliar o conhecimento pautado na ancestralidade à necessidade de estarem fortes enquanto organização que tem como missão não deixar que a cultura local se perca no tempo.

“A rede nos empoderou de conhecimento”

Os nós se multiplicaram...

Carmen diz que, no começo, ela não conseguia entender o que era a “rede” e que demorou para realmente compreender. Mas, quando tomou conhecimento, não teve dúvidas de que participar ativamente da rede seria um divisor de águas para a organização.

“Muitas organizações estavam no anonimato. E foi a partir da rede que foi possível se fortalecerem, com conhecimento técnico, e **criar um movimento coletivo em que a colaboração supera a competição entre as organizações sociais**. Nós hoje estamos fortalecidos, ao ponto de podermos orientar e apoiar organizações sociais menores”, afirma Celi.

As parcerias, que antes se restringiam às escolas municipais, hoje se transformaram em uma rede de apoiadores: empresas, poder público e voluntários.

Hoje a AMFMT é parceira da prefeitura de Várzea Grande e a superintendência de Cultura do município tem na AMFMT uma referência local para visitas turísticas, empréstimo de indumentárias e instrumentos típicos do Cururu.

Chancelados como Ponto de Cultura do Estado do Mato Grosso, a AMFMT tem cadeira no Conselho Municipal de Cultura e em diversos outros espaços de controle social do município.

Se antes Carmen e Celi eram só duas, hoje a AMFMT conta com mais de 30 apoiadores, entre eles mestres da cultura popular, monitores, maquiadores, costureiras e voluntários das mais diversas áreas.

“O que eu percebi é que as pessoas têm a AMFMT como base, referência no município”

Celi Minas

“Antes de conhecermos a rede e ter a oportunidade de participar das formações, não sabíamos para onde ir. Hoje eu digo: foi a rede que nos fortaleceu.”

Carmen

“O CIEDS, como implementador do projeto Redes de Territórios Educativos, acreditou na gente. Quando falamos que trabalhávamos nas escolas, alguém nos disse “você já fazem trabalho em rede!” Mas nós não sabíamos. E vocês mostraram o caminho, com aconchego, não deixando a gente desistir no meio do caminho, sempre preocupados com a gente”.

Vocês cumpriram o que prometeram – nos ensinaram a estruturar bons projetos - e se hoje estamos aqui foi porque nós fomos boas alunas. De 2000 a 2015 nós nunca tínhamos sido contemplados por nenhum edital. O primeiro recurso captado foi a partir da Rede de Territórios Educativos. E, de lá pra cá, muitos outros editais e captações vieram”.

■ **Adolescer: Um grupo de mulheres lutando pelo direito de várias outras**

Dulce iniciou sua trajetória na Rede de Territórios Educativos em 2015. Já foi membro da coordenação da Rede representando a Pastoral da Mulher Marginalizada e acompanhou de perto todo o processo de implementação do projeto e mapeamento dos recursos e oportunidades educativas do município de Várzea Grande.

Acredita que o maior ganho de Várzea Grande em receber o projeto Redes de Territórios Educativos foi a mobilização da sociedade civil. Afirmo que, antes da chegada do projeto, os encontros entre sociedade civil se resumiam a agendas de eleição do CMDCA (Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente). Mas, ainda assim, só participavam as mesmas organizações sociais de sempre.

“A sociedade civil ficava isolada, sem conexão. O projeto Redes veio nos mobilizar para nos conhecermos e sabermos como influenciar políticas públicas”



“Mobilização é a primeira palavra que vem à minha cabeça quando penso na Rede”

O Adolescer foi um dos planos de ação aprovados no Fundo de Fomento Redes de Territórios Educativos em 2021, iniciativa que fomenta a implementação de projetos que estejam diretamente ligados à garantia dos cinco direitos fundamentais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Com foco em garantir o direito à saúde de crianças e adolescentes, o Adolescer, ao longo do ano, buscou evidenciar dados de gestantes de até 13 anos. Além disso, acompanharam toda a gestação provendo apoio psicológico e estimulando que a gravidez não planejada não impactasse no direito de seguir sonhando com um futuro.

“No geral, as pessoas pensam: vamos trabalhar com prevenção, com aquela criancinha, a mais bonitinha, que dá menos trabalho (...). Quando íamos propor um trabalho focado em adolescentes grávidas, encontrávamos certa resistência. Precisamos discutir isso. Porque os filhos dessas adolescentes vão, futuramente, ser atendidos pelas organizações sociais. E o Redes de Territórios Educativos foi fundamental, inclusive para entender a carência de projetos sociais que focavam no atendimento a este público específico.”



Nos equipamentos públicos, o atendimento às adolescentes gestantes era feito junto com as mulheres adultas e isso, segundo Dulce, apontava para uma questão importante:

“O corpo dela continua sendo o corpo de uma adolescente. Emocionalmente e psicologicamente, elas não eram tratadas de forma diferente. Depois do Adolescer, entendemos que precisávamos trabalhar com as adolescentes de forma diferente, principalmente para garantir que o direito fundamental à educação não fosse violado e elas pudessem retornar à escola após a gestação.”

A intersetorialidade está borbulhando a partir do Adolescer

O Adolescer produziu um diagnóstico a partir de pesquisas e dados levantados junto às adolescentes gestantes atendidas pelo projeto. Este diagnóstico já começou a pautar mudanças na forma como estas adolescentes serão vistas e atendidas pelos programas públicos (especialmente no âmbito da saúde e educação).

Durante uma oficina de formação para professores da rede municipal de Várzea Grande, Dulce apresentou os dados do diagnóstico. Um destes dados apontava para o fato de que poucas meninas (apenas duas das entrevistadas) afirmam que tiveram acesso a informações sobre sexualidade dentro do espaço da escola.

“Os professores disseram que falaram com os adolescentes sobre. E eu respondi: se vocês falaram, a abordagem pode não ter sido adequada. Porque falar de sexualidade não necessariamente precisa ser o professor de biologia. Precisa ser alguém que se sinta à vontade para falar do tema para que não seja de uma forma preconceituosa ou carregada.”

Este diagnóstico será entregue oficialmente à Secretaria Municipal de Educação e à Secretaria Municipal de Saúde do município de Várzea Grande.

Dulce aponta que, nos momentos de abordagem a estas adolescentes gestantes, tem-se a oportunidade de identificar se se trata de um caso de abuso e exploração sexual. Por isso, a importância de que as políticas públicas e seus respectivos programas e projetos atuem em parceria por meio dos seus equipamentos (escolas, centros de referência da assistência social e postos de saúde).

Segundo o ECA, toda e qualquer relação de caráter sexual que se estabeleça com crianças com idade igual ou menor que 13 anos configura um caso de abuso sexual e deve ser notificado ao Conselho Tutelar.

Por meio do Mapa de Identidades (ferramenta idealizada pelo projeto Redes de Territórios Educativos que se propõe a fornecer ferramentas para construção de um diagnóstico participativo para e com o território), o Adolescer construiu uma visão geral do município e veio confirmar o que Dulce já acreditava ser um desafio: “implementar a saúde do adolescente. E aí não são só as meninas, mas também os meninos.”

O Redes de Territórios Educativos plantou a sementinha do trabalho integrado e articulado, segundo Dulce.

“Uma menina que chega grávida em uma unidade básica de saúde. Como trata? O que aconteceu? Se houve uma violência, ela precisa ser revelada. Ainda temos muita dificuldade na notificação destes casos de meninas de 13 anos por se entender que, se a mãe deixou namorar, está tudo bem. Mas não está. Nós estamos falando de proteção destas crianças.”

“Vocês estão deixando uma fórmula muito boa. Se não fosse vocês, provavelmente estaríamos da mesma forma, isolados. De 2015 pra cá, o legado que vocês deixam é a articulação da sociedade civil. A gente se ajuda, compartilha informações... isso foi muito bom!”



Turu: Um olhar para o local a partir do total

Quando os caminhos se cruzam

Deury era funcionária de carreira da SEMCAS (Secretaria Município da Criança e Assistência Social) em São Luís, Maranhão. Ela conheceu a rede em 2015, assim que o projeto piloto chegou ao município. O entusiasmo é a marca registrada da Deury, que neste ano, atuava como coordenadora do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos na secretaria. Depois, foi convidada a coordenar o CRAS Turu. E é daí que nossa história começa...



O Turu é um território da região metropolitana de São Luís (Maranhão) que agrupa diversos bairros. Ao longo da implementação do projeto Redes de Territórios Educativos, o Turu ganhou bastante destaque pela sua capacidade de articulação de atores locais como governo, empresas e organizações sociais. Em 2018 se tornou case de sucesso pelo impacto coletivo que promoveu e chegou a ser apresentado no maior congresso de sociologia do mundo, que ocorreu em Toronto (Canadá), despertando a curiosidade de pesquisadores de diversas partes do mundo.

Uma das atividades mais estratégicas do projeto Redes de Territórios Educativos se chamou Formação para Ação e Articulação em Rede. O objetivo central era, a partir do agrupamento de atores sociais que atuassem no mesmo bairro, realizar o mapeamento e identificar potenciais educativos daquele espaço. Uma das mesas concentrava coordenadores de organizações sociais, gestores de escolas municipais, técnicos do CRAS e dos postos de saúde do Turu. Muitos deles se viram pela primeira vez. Aí nasce a Rede do Turu, cheia de desejos de mudança de práticas entre políticas públicas e organizações sociais. **O conceito de intersetorialidade ali vivo, pulsando na intenção de realizar um trabalho articulado.**

Segundo ela, o maior ganho para São Luís do projeto Redes de Territórios Educativos ter sido implementado lá e não outro município, **é a articulação entre poder público e organizações sociais, impossível antes da chegada do projeto.**

“Pela rotatividade de profissionais e pelo histórico de dificuldade de articulação com o poder público, este era um desafio. E a partir da rede, todos vestiram a camisa.”

¹ Serviço oferecido para crianças, adolescentes e idosos, em âmbito nacional, por meio dos CRAS

² Centro de Referência da Assistência Social

Um olhar para o todo

Deury afirma que, a partir da atuação e participação no projeto Redes de Territórios Educativos, desenvolveu um olhar sistêmico para o território: “Hoje eu não consigo mais só ver a instituição onde eu trabalho, eu só consigo ver o todo.”

“A Rede, para mim, é superação. O que antes eu e muitos pensávamos ser apenas desejo impossível se tornou real.”

Sobre a qualidade das parcerias

Deury observa que muitas mudanças aconteceram. Desde a desburocratização dos processos, que permite a partilha de oportunidades e recursos à mudança de lógica sobre o que de fato é uma parceria. **“As instituições são feitas por pessoas. Por exemplo: neste ano descobrimos uma igreja que faz um trabalho de acolhimento a pessoas em situação de uso de drogas. Hoje, o CRAS já encaminha direto para este local. Porque o CRAS, o CREAS, o Conselho tutelar, sempre que identifica alguém que precise desde apoio, já sabe como encaminhar a situação. Porque é nosso papel facilitar o fluxo. Eu poderia apenas dar o telefone da instituição e pedir à própria pessoa para que entrasse em contato. Mas hoje nós já fazemos esta ponte.”**

O caminho do sucesso: história de luta e resistência

A história do território do Turu é marcada por duas invasões muito grandes. Uma delas aconteceu na Divinéia e a segunda na Vila Luizão. Deury nos conta que a região foi ocupada por pessoas sem terra durante décadas que precisaram lutar para que a reintegração de posse por parte dos proprietários dos terrenos e a consequente remoção de suas famílias não acontecesse. “A história do Turu é uma história de luta, de resistência.” E Deury acredita que estas características são marcantes nos atores sociais de lá, influenciando diretamente no sucesso que a rede do Turu tem.

Outra característica que, segundo Deury, foi fundamental para o sucesso do Turu foi a **compreensão de que não estamos lidando somente com instituições, mas com as pessoas que fazem estas instituições funcionarem. Para isso, o uso de uma comunicação não-violenta, empática e com respeito à história do território** ajudou bastante a Deury (que apesar de trabalhar no Turu não mora lá) conseguisse articular ações e fomentar parcerias.

³ Centro de Referência Especial da Assistência Social

A rede do Turu e o olhar integral para a criança e adolescente

Francisco* já tinha passado por todas as escolas municipais da região, porém não se adaptava. Problemas sérios relacionados a comportamento o impediam de estudar. Francisco, em um dado momento, evadiu da escola onde estudava naquele momento. Quando a notícia da evasão chegou ao CRAS, este se articulou para fazer a reinserção da criança no ambiente escolar e foi a partir da atuação da rede que isso se tornou possível. A gestora da escola, que também já fazia parte da rede do Turu e disponibilizou uma vaga para Francisco, que fez apenas um pedido: “Deury, eu vou precisar de ajuda, preciso de vocês caminhando junto comigo.”

“Hoje, esta criança lê, escreve, mudou seu comportamento dentro e fora da escola.” Afirma Deury. Isso foi possível a partir de um trabalho em rede, um olhar preocupado em **garantir que a criança estivesse no centro do processo e que todos os equipamentos públicos de saúde, educação e assistência social agissem de forma articulada para transformar a sua realidade.**

A semente que gera frutos

“Em 2022 vamos reaplicar o Mapa de Identidades no Turu”, afirma Deury. “A proposta é que possamos fazer um processo formativo com os alunos das escolas municipais, para que eles possam utilizar a ferramenta do Mapa de Identidades e construir um diagnóstico do seu bairro.”



* Optou-se pelo uso de um nome fictício por se tratar de um menor de idade

⁴ O Mapa de Identidades é uma ferramenta de diagnóstico participativo idealizada e sistematizada pelo projeto Redes de Territórios Educativos em parceria com o Itaú Social e com o apoio da Logos Consultoria

■ Onde as políticas públicas se encontram... e se entrelaçam!

Rosângela de Jesus é diretora do Centro Municipal de Educação Infantil Paulo Ronan (CMEI), em Cuiabá, e conheceu a Rede de Territórios Educativos em 2018, quando o projeto foi iniciado no município. Mas foi em 2019 que uma parceria muito valiosa ganhou vida, **parceria esta que expressa o real sentido de intersetorialidade.**

Durante a Formação para Ação e Articulação em Rede, realizada pelo projeto Redes de Territórios Educativos em 2019, Rosângela conheceu Gilson, que representava a Unidade Básica de Saúde Ilsa Terezinha Picolli (UBS). Gilson foi estrategicamente alocado na mesma mesa de trabalho que



Rosângela durante a atividade proposta. Então, estavam ali a Secretaria Municipal de Educação, na figura da Rosângela, representantes de organizações da sociedade civil, representantes da Secretaria Municipal de Assistência Social e Gilson, representando a Secretaria Municipal de Saúde. **Se a ideia é fomentar redes, o primeiro passo sempre é garantir que os atores sociais que atuam numa mesma região se conheçam. E foi assim que a parceria começou.**

Dividiram anseios e seguiram em contato, com a intenção de encaminhar as demandas levantadas pela dupla de funcionários públicos que impactavam diretamente no desenvolvimento das crianças da região norte de Cuiabá.

“E eu fui falar com ele (Gilson) que eu achava muito difícil trabalhar aqui. Porque toda vez que uma criança machucava, eu tinha que me deslocar daqui até o centro para um pronto-socorro para levar esta criança”

Rosângela

Já no início de 2020, a primeira ação conjunta acontece: os profissionais da UBS estiveram no CMEI durante a rematricula das crianças, com o objetivo de verificar todos os cartões de vacinação (os cartões de vacinação em dia é um dos critérios que permite a rematricula das crianças no ano letivo). O que poderia ser apenas uma ação de controle e fiscalização, que poderia inclusive impedir a matricula de crianças que não estivessem com o esquema vacinal em dia, não se resumiu a isso. Todas as crianças com alguma vacina atrasada foram imunizadas no próprio CMEI, enquanto seus responsáveis aguardavam para, após a vacinação, concluir a rematricula. Rosângela contou que, em alguns casos, a situação estava mais complicada do que o esperado:

“Inclusive, quando fizemos esta ação, teve criança que teve que tomar oito doses de vacina porque estavam atrasadas, para você ter noção de como estava. Aí nossa parceria começou!”

Rosângela

Em 2021, repetiram a dose: o processo de matrícula seguiu associado à atualização do esquema vacinal das crianças da região. E mais uma vez foi um sucesso tremendo. Mas Rosângela e Gilson viram que podiam ir além...

“Tivemos atendimento de pediatra, pesagem das crianças, dentista, uma mega parceria! Foi muito importante. Este ano (2022) fizemos de novo!”

Rosângela



Considerando agendas e temas de interesse comuns, o CMEI e a UBS atuaram juntos na campanha do Outubro Rosa, que tem como objetivo prevenir o câncer de mama. As mães e responsáveis foram convidadas a participar das atividades propostas e a adesão foi grande. Já no mês seguinte, quando a campanha do Novembro Azul com foco em prevenção do câncer de próstata é realizada, mais uma ação conjunta acontece e gera mobilização da região.

“A nossa parceria é aqui e lá, lá e aqui. (...) As parcerias acontecem porque tem gestão, tem planejamento. Cada gestão acontece de uma forma. Cada gestão tem um olhar. E a nossa gestão é focada na garantia do direito das crianças.”

As parcerias não param por aí: com a Secretaria Municipal responsável por assuntos relacionados ao Meio Ambiente, Rosângela organizou uma atividade de replantio de árvores no espaço da escola e no entorno, onde as crianças participaram ativamente. Já com o SENAI, estão buscando parcerias para irrigação e manutenção de uma horta hidropônica que irá beneficiar toda a comunidade.

Rosângela quer mais. Seu desejo para 2022 evidencia que a parceria e a intersetorialidade são um caminho sem volta:

“Em 2022, eu quero trazer o CRAS aqui para dentro, para fazer regularização do Bolsa Família. Mas eu quero fazer o evento dentro da escola, com a Unidade Básica de Saúde também. Vai dar certo!”

Rosângela

“O maior resultado é a gente saber que a criança está cuidada e protegida.”

¹ CRAS – Centro de Referência da Assistência Social é um equipamento público da Secretaria Municipal de Assistência Social que, assim como as UBS (Unidades Básicas de Saúde) e os CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), buscam garantir que os direitos da população sejam garantidos.

² Programa Federal de repasse de renda para famílias em situação de vulnerabilidade social e econômica

Em 2021, a Rede de Territórios Educativos de Cuiabá, que hoje atua de forma autônoma, realizou a Formação de Parcerias e Trabalho em Rede. Lá, Rosangela teve a oportunidade de compartilhar com toda a rede de diretoras e diretores de escolas, coordenadores de CRAS e coordenadores de UBS, sua experiência exitosa de parceria. Desde então, vem recebendo diferentes relatos de colegas da educação que, inspirados na sua prática, já estão estabelecendo parceria com equipamentos da saúde e assistência social nos bairros onde trabalham.

“A Rede, pra mim, é gratidão. Gratidão por tudo... pelas formações, por nos aproximar. Nessa rede, conseguimos estar próximos de outras Secretarias Municipais, mostrando que cada um tem a sua importância e pode fazer a diferença... mas que junto é muito melhor”





